

Apostila bordaliana

Vasco Rosa*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, bibliomania, crítica literária, primeiro modernismo

Resumo

Pedro da Silveira apresenta e comenta um trabalho de Álvaro Bordalo, bibliófilo pessoano.

Keywords

Fernando Pessoa, bibliomania, literary criticism, first modernism

Abstract

Pedro da Silveira presents and comments on a work by Álvaro Bordalo, Fernando Pessoa's bibliophile.

* Editor e investigador independente.

Um plácido alfarrabista ambulante de boina basca com duas carretas de livros ao sol no Largo das Duas Igrejas ao Chiado, em Lisboa, foi afinal um dos mais carismáticos e rigorosos bibliófilos portugueses, e “um benemérito da cultura”, como Idílio Rocha e Luiz Amaro (1986) o apresentaram em obituário na revista *Colóquio Letras*, n.º 93, Setembro de 1986, pp. 127-128. Álvaro Bordalo (de Andrade e Sá Donas-Boto), portuense nascido em 1909, “bibliófilo apaixonado” (*sic*), acumulou uma tão preciosa colecção de livros, revistas, jornais literários e manuscritos do nosso século XX, que no fim da vida sentiu necessidade de doá-la a uma instituição verdadeiramente capaz de a respeitar e salvaguardar, e por isso essa colecção é hoje, acreditem, um dos pilares patrimoniais da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, onde faz as delícias dos pesquisadores, espécie precária e sob ameaças de extinção, como a dele.

Editor de Teixeira de Pascoaes, coleccionador de obras de José Régio, Miguel Torga e Luís de Camões, o modernismo foi, certamente, o tema de eleição bibliomaniaca de Álvaro Bordalo, a ponto de reunir seiscentos volumes de e sobre Fernando Pessoa e de ter adquirido livros e papéis de outros modernistas no leilão do espólio de Luís de Montalvor. Em Dezembro de 1949 iniciou a série dos *Cadernos das Nove Musas* (tiragens de 60 exemplares!) com *O Preconceito da Ordem*, de Pessoa, precisamente porque este escrito não contava daquele espólio, não podia ser lido nas bibliotecas públicas, “nem o conheciam, sequer, os maiores coleccionadores da literatura modernista, por nós consultados” (da Apresentação). Também deu como título a um dos seus boletins o de uma obra de Mário de Sá-Carneiro, *Indícios de Ouro*. Em 1950 publicou uma tábua bibliográfica anotada de Fernando Pessoa, em oito páginas de um suplemento da *Portvcafe* (n.º 4, de Julho a Dezembro)¹, revista do Porto onde também apresentou textos quase-inéditos dele. Em clara atitude de *serviço*, apontou erros, lapsos e descuidos nos volumes das *Obras Completas*, de edição então em curso, e anunciou a publicação do folheto ecdótico “Da necessidade prévia de uma heurística exaustiva pelo que concerne à obra de Fernando Pessoa”, a qual, todavia, não se concretizou. Noutro caderno, *Fernando Pessoa Adulterado*, de 1962, mas escrito em Março de 1959, com um *post-scriptum* de Maio de 1961, Bordalo faz severos reparos a Maria Aliete Galhoz, a quem prestara colaboração.

Na sua *Pessoana*, José Blanco (2008) regista nove itens de Álvaro Bordalo (919-927, pp. 143-44), entre os quais “Uma apostila às *Obras Completas de Fernando Pessoa*”, n.º 16 dos *Cadernos das Nove Musas*, Porto, 1952 — objecto da nota adiante ressuscitada, pelo erudito açoriano Pedro da Silveira, que talvez por ter sido publicada numa revista de ciências (*Átomo. Ciência e Técnica para Todos*, n.º 54, 30 de

¹ Concluiu a sua apresentação do poeta com a frase “Na hora actual a influência de Fernando Pessoa é enorme e o seu prestígio imenso”.

Junho de 1952, p. 16) escapou *duplamente* ao crivo do mui dedicado inquiridor da bibliografia do poeta.

Álvaro Bordalo também se refere a Fernando Pessoa no ensaio “Da arte nova aos anos 60. A evolução do grafismo em Portugal através de alguns exemplos” (pp. 5-11), que a convite de Joana Morais Varela escreveu para o catálogo da exposição “Quem Tem Capa...”, organizada pelo Instituto Português do Livro na Feira do Livro de Lisboa de 1982. Comentando a estética de edições como *Antinous* (1918), em que o futurismo, na sua opinião, cede ainda ao peso da arte nova, diz ainda: “Porque não mostrar também o quase intemporalismo gráfico (para não dizer classicismo) daquela obra, de resto da mesma altura (o ano é 1934), que é talvez o expoente máximo da poesia portuguesa pelo menos do nosso século, a *Mensagem*, de Fernando Pessoa? É curioso notar que a *Mensagem*, tendo sido publicada ainda em vida de Fernando Pessoa, tem a capa com este aspecto gráfico, mas isso já não sucedeu com *Mar Português*, que foi publicado depois da sua morte, em 1936, em Macau, e que marca por assim dizer, de certo modo, um regresso ao tipo de composição gráfica modernista.”

Bibliografia

- BLANCO, José (2008). *Pessoana – Bibliografia Passiva, Selectiva e Temática*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ROCHA, Idílio; AMARO, Luiz (1986), “Um benemérito da cultura, Álvaro Bordalo (1909-1986)”, in *Colóquio Letras*, n.º 93, Setembro, pp. 127-128.
- <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=93&p=127&o=r>

[Nota]

O bibliófilo é quase sempre um bicho estranho que aprecia o livro como objecto mais ou menos raro e mais ou menos belo, continente de determinado conteúdo que é arte e cultura — vida. Para mim, mesmo quando a *bibliofilia* toma o aspecto de *bibliomania*, é uma actividade simpática. Voto pela utilidade desses homens que amam o livro como o comum mortal ama outro ser humano. Um Cândido Nazareth², para citar um exemplo recente, um Fernando Palha ou um José do Canto, cuja Camoneana é de uma riqueza assombrosa, quantos serviços não prestaram?!

Álvaro Bordalo é um bibliófilo algo diferente do comum dos bibliófilos. Ama o livro, a revista ou jornal, o manuscrito, no seu todo e não somente como objecto raro ou belo. É o bibliófilo completo.

Profundo conhecedor da literatura portuguesa, principalmente do período que vem da geração de 90 aos nossos dias, e em especial Fernando Pessoa e os seus companheiros do *Orpheu*, Álvaro Bordalo não se tem limitado a deleites de colecionador. É um estudioso que nos dá, seja em pequenas notas seja em ensaio, o resultado desse estudo. A sua colecção *Índicios de Oiro*, a sua utilíssima *Gazeta do Bibliófilo*³, acreditam-no como uma espécie de bibliófilo invulgar entre nós, que não será a do colecionador puro mas é mais útil e eficiente. Cada “folha” dos *Índicios de Oiro*⁴, em que apareceram textos mal conhecidos de António Nobre, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro e um desenho de Almada Negreiros (sobre o Fado⁵) é acompanhada por uma nota bibliográfica-crítica em que se revela a agudeza do ensaísta que há em Álvaro Bordalo.⁶

Em *Uma Apostila às “Obras Completas de Fernando Pessoa”*, Álvaro Bordalo levanta um problema deveras grave: o da “falta de escrúpulos” com que terá sido

² [Falecido em Coimbra em 1948, de idade avançada, bibliotecário da Imprensa da Universidade, foi considerado um dos mais eruditos bibliógrafos do século XIX português. “As suas colecções de jornais literários e de espécies poéticas são inestimáveis, bem como os catálogos e registos biobibliográficos que organizou para seu uso”, informa uma enciclopédia.]

³ [Suplemento de oito páginas da referida *Portocale*. O primeiro número é de Maio-Agosto de 1949 (fascículos 21-22).]

⁴ [Publicados no Porto em 1951-52, são “edições privadas fora do mercado, 30 exemplares” tirados na Tipografia J. R. Gonçalves daquela cidade em papel colorido de boa qualidade. Dos oito editados, um dos quais duplo, cinco são de textos pessoanos, um de António Nobre, um de Sá-Carneiro, e outro deste escritor e de Pessoa.]

⁵ [Este desenho de Almada Negreiros, datado de Abril de 1925 — e que permanecia desconhecido dos seus especialistas actuais —, foi publicado num inquérito sobre o fado promovido pela revista *Notícias Ilustrado*, Lisboa, 14 de Abril de 1929, pp. 11, 12 e 14, a que responderam, entre outros, Afonso Lopes Vieira, Hipólito Raposo, Agostinho de Campos, Teixeira de Pascoaes, António Botto e Stuart Carvalhais.]

⁶ [Nem todas as notas são de Álvaro Bordalo. Também Jorge de Sena, Manuel de Sousa Trêpa e Alberto Uva assinam uma, cada.]

apresentada a obra do poeta da *Mensagem*. Segundo Álvaro Bordalo, há nos cinco primeiros volumes das *Obras Completas de Fernando Pessoa* omissões e adulterações imperdoáveis que é preciso corrigir para que o autêntico Pessoa nos seja dado. E a julgar pelo poema (“Apostila”, de Álvaro de Campos) com que documenta a sua arrojada afirmação, é flagrante o caso. Ficamos alarmados e logo nos ocorre a pergunta: quando com um autor dos nossos dias as coisas estão neste pé, o que deveremos pensar de um Camões, de um Gil Vicente e de tantos outros?

No que me parece um pouco forçada a nota é quando Álvaro Bordalo afirma que o sexto volume das *Obras Completas de Fernando Pessoa* (primeiro volume dos *Poemas Dramáticos*) “será assim o primeiro digno delas”. Não discuto o escrúpulo que o organizador deste volume, Eduardo Freitas da Costa, pôs na apresentação dos textos. O organizador foi de uma honestidade grande, insuperável. Mas será critério defensável reunir num mesmo volume obra acabada ao lado de fragmentos e quase apontamentos? E (isto já é, parece-me, com a casa editora) justifica-se a divisão dos *Poemas Dramáticos* em dois volumes, quando a “magreza” deste faz um contraste tão flagrante com, por exemplo, o volume dos poemas de Álvaro de Campos?

Resta-me acrescentar que Álvaro Bordalo, “pondo as coisas no seu devido lugar” quanto ao critério que presidiu à organização dos volumes anteriores das *Obras Completas de Fernando Pessoa*, realiza trabalho dos mais necessários de erudição crítica. Lançando o seu grito de alarme, defende galhardamente a obra de um poeta que nos deve merecer o maior dos respeitos.

Pedro da Silveira

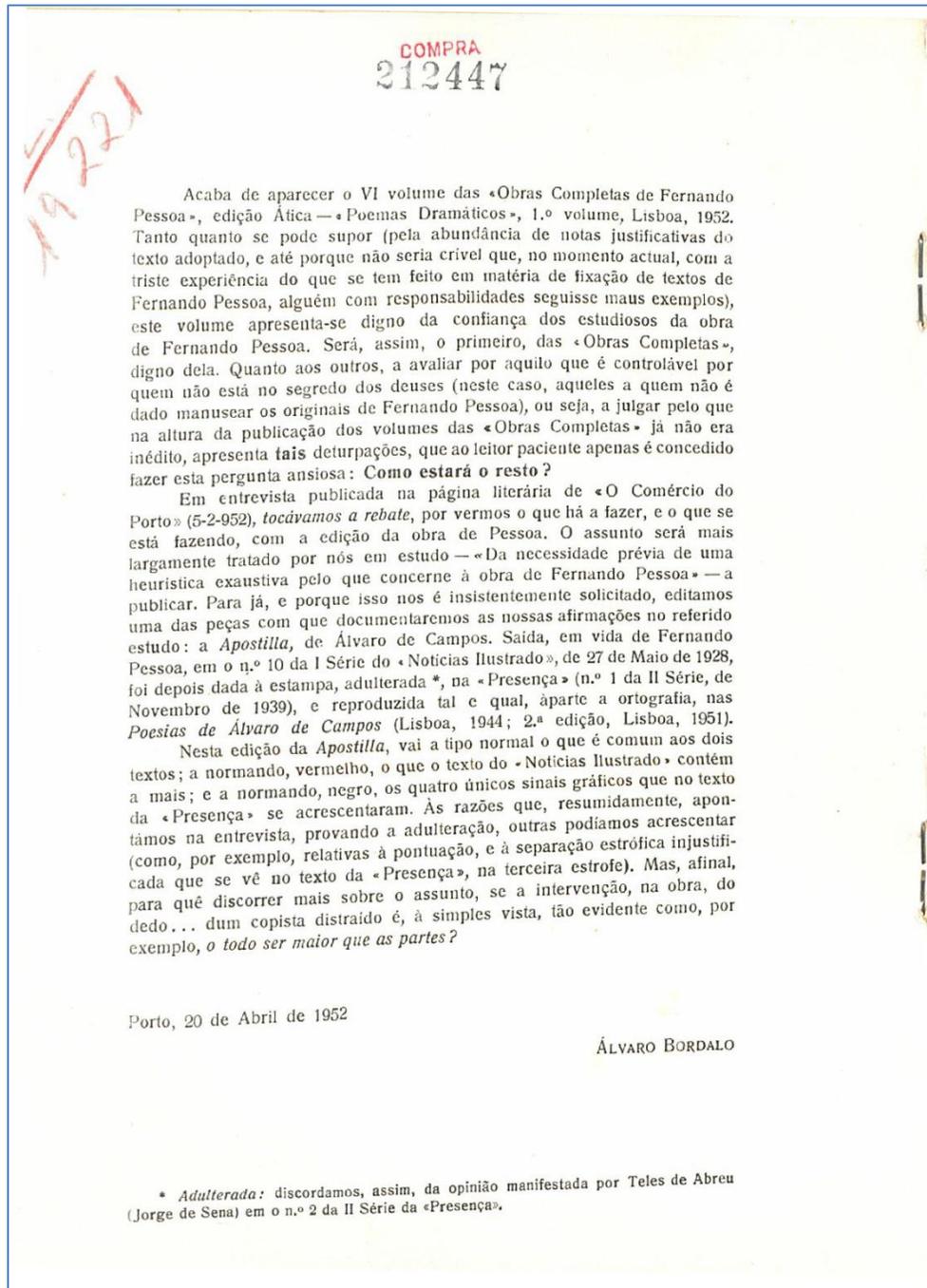


Fig. 2. “Uma apostila às Obras Completas de Fernando Pessoa” / 1

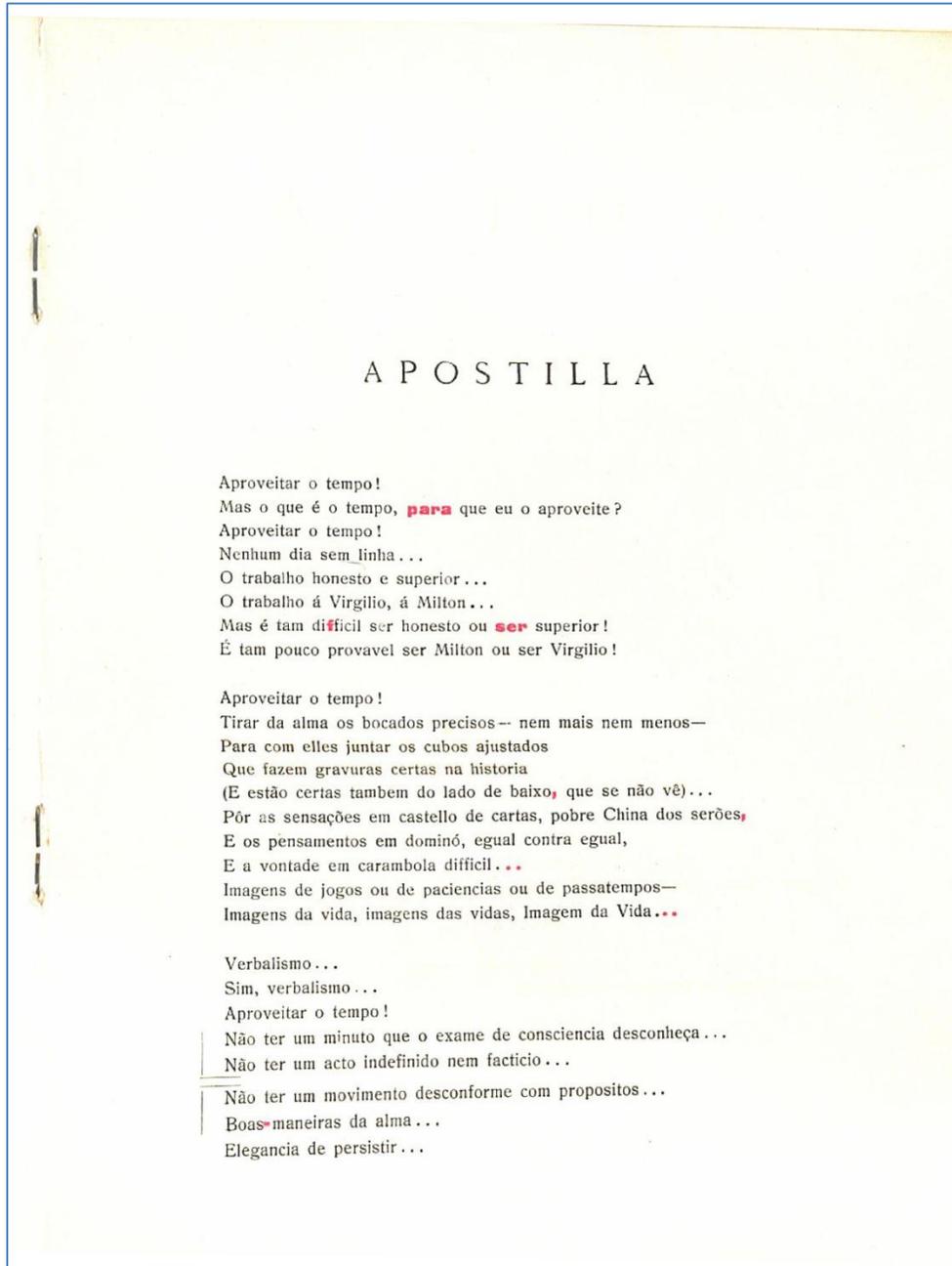


Fig. 3. "Uma apostila às Obras Completas de Fernando Pessoa" / 2

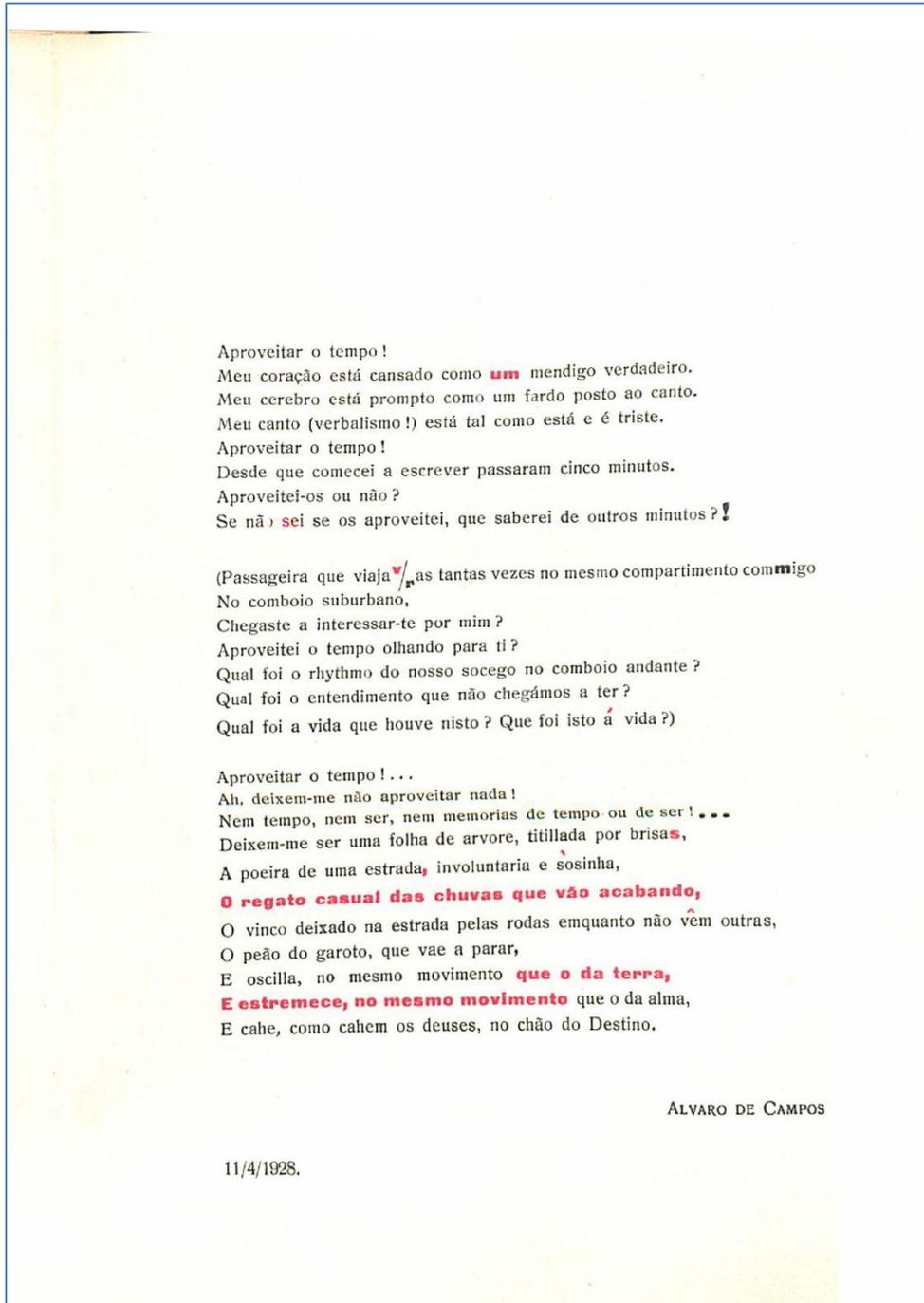


Fig. 4. "Uma apostila às Obras Completas de Fernando Pessoa" / 3